

Introdução

A partir da década de 1990 começaram a surgir estudos ligados as formas populares de entender e combater as doenças¹. Essa iniciativa surgiu devido a algumas críticas feitas à História da Medicina, de cunho evolucionista e laudatório. Além disso, foi questionada a ideia de que os terapeutas populares e seus clientes eram movidos pela ignorância e superstição, diante da falta de médicos e de terapias médicas eficientes, mostrando que eles possuíam seus próprios saberes a respeito da arte de curar e que nem sempre este se opunha ao conhecimento médico em determinados períodos históricos.²

Em consonância com a postura tomada por esses pesquisadores, consideramos as práticas e representações da cura como parte das tradições culturais brasileiras, construídas através da contribuição de índios, europeus e africanos, e não um saber produzido a partir da falta de recursos da Saúde Pública, mas que sempre teve o seu espaço na vida humana.

A perspectiva micro-histórica permite observar aspectos da história que os modelos generalizantes não são capazes. Não se trata de fazer uma oposição a estes, mas enriquecê-los, acrescentando aspectos até então desconhecidos. Isso acontece por ela operar a partir da diminuição da escala de observação, assim, ao invés de tratar somente dos sistemas normativos, procuramos perceber como os indivíduos atuam no seu cotidiano, considerando que eles possuem uma liberdade relativa, encontrada nas contradições existentes nas formas de controle social.

O paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1989) nos leva a usar as fontes de forma intensiva, apreciando cada detalhe como uma pista ou indício que

¹ Ver como exemplos: EDLER, 1992; PIMENTA, 1998; SAMPAIO, 2001; WEBER 1999.

² RIBEIRO, Márcia Moisés. *Ciência nos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ajudará na difícil tarefa de compreender as ações dos sujeitos históricos. Porém, seguindo este caminho geralmente encontramos algumas lacunas, questões que apenas a trajetória de José Maria Dominguez y Dominguez em Aracaju, conforme veremos, não será capaz de responder, deste modo, o exemplo de Natalie Davis (1987) se torna importante no sentido de explorar as “possibilidades históricas” existentes durante período pesquisado.

Através das práticas de cura realizadas por Dominguez iremos conhecer a identidade cultural da qual ele fazia parte e de que forma esta dialogava com as tradições culturais existentes em Aracaju no que se refere a arte de curar. Por outro lado, as práticas sempre vêm acompanhadas de representações, conforme a definição de Roger Chartier (1998), assim, elas não são vistas como um reflexo do real, mas trabalham na organização e configuração da realidade, pois estão ligadas aos “interesses de grupo que as forjam”.

O espanhol José Maria Dominguez y Dominguez possuía 44 anos, quando foi preso em 6 de maio de 1923, após uma denúncia feita pelo Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural, que o acusou de estar praticando o exercício ilegal da medicina, o espiritismo e o curandeirismo. No mesmo dia, ele foi solto mediante o pagamento de fiança. Entretanto, o processo tramitou até o ano de 1928, tendo um desfecho inesperado diante dos fatos apontados no processo.

O processo-crime em que é réu José Maria Dominguez y Dominguez³

Antes de ser preso, Dominguez havia recebido uma intimação feita pelo Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural, em 23 de abril de 1923, a fim de apresentar documentos que provassem que estava habilitado para exercer a profissão de médico no Brasil. Esse fato aconteceu, portanto, treze dias antes de sua prisão. Ele compareceu e

³ A narrativa que se segue foi baseada nos relatos das testemunhas presentes no processo-crime. AJES. Recurso crime, cx 3, 1918 – 1927.

mostrou o documento que possuía, porém, o chefe do órgão não o aceitou, alegando que a faculdade não era reconhecida no Brasil. Dessa forma, o ocultista foi impedido de praticar a arte de curar e retirou os anúncios de jornal que estavam em seu nome.

O guarda sanitário Antônio Bastos descobriu que José Maria havia mudado de endereço e continuava a atender pessoas. Bastos contou ao chefe do Serviço, Phócion Serpa, que, em seguida, pediu auxílio ao chefe de polícia do Estado de Sergipe Ciro Cordeiro de Farias. Este designou o guarda civil Abilio José dos Santos para prender o suposto charlatão caso encontrasse provas da prática ilegal da medicina. Então, um plano foi elaborado para que a culpa de Dominguez ficasse provada.

Antônio Bastos apareceu na casa em que residia o suspeito, na Rua Santa Luzia, situada no centro da capital sergipana, alegando ser morador da Cidade de São Cristóvão e estar muito doente. Ele deu o falso nome de Antonio Francisco Santos. O investigado, então, o atende e faz o diagnóstico de seu paciente, explicando que o sofrimento dele era o resultado de uma promessa de casamento que Antonio havia feito a uma mulher e não cumpriu, então, pede um lenço a ele e que volte uma hora da tarde para receber o “remédio” para o mal que sofria. Enquanto isso, aguardavam numa esquina a poucos metros de distância Phócion Serpa, o inspetor sanitário Luiz Lameira Ramos e o guarda civil Abilio dos Santos.

Quando o guarda sanitário saiu da residência contou a Abilio dos Santos que havia sido atendido e o nome falso que havia dado fora escrito em um livro de notas junto ao preço da consulta (10\$00) e do tratamento (120\$00). O guarda civil chamou o investigado e deu voz de prisão em nome do chefe de polícia. Phoción Serpa e Luiz Lameira Ramos, que observavam o ocorrido, se dirigiram até a casa de Dominguez e ajudaram o guarda civil na apreensão de objetos que fossem capazes de incriminá-lo. Foram apreendidos objetos cirúrgicos, medicamentos, livros com anotações de diagnósticos, preços dos tratamentos e um anel simbólico com cobras no aro.

De acordo com o artigo 155 do regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública que estava em vigor desde 15 de setembro de 1920, o exercício da arte de curar somente seria permitido aqueles que possuíssem “título conferido pelas faculdades

de medicina officiaes ou equiparadas na fôrma da lei”, no caso dos médicos “graduados por escolas ou universidades estrangeiras, se habilitarem perante às ditas faculdades na fôrma dos respectivos estatutos”. Os professores de universidades ou escolas estrangeiras deveriam apresentar “documentos devidamente authenticatedos e quando no paiz a que estas pertençam gosarem de idêntico favor os professores das faculdades brasileiras.”

O acusado foi conduzido até a Chefatura de Polícia. O primeiro delegado de polícia Afonso Ferreira dos Santos mandou que fosse lavrado o auto de flagrante delito, ao ser informado sobre a ocorrência. Inqueriu as testemunhas e ao acusado, que foi liberado após o pagamento de fiança. O processo foi apresentado a Promotoria pública e continuou aberto até o ano de 1928.

Saúde Pública em Sergipe durante a década de 1920

No momento em que Dominguez foi preso, havia aproximadamente um mês que o Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural tinha sido instalado em Sergipe. Essa instituição visava cuidar da fiscalização da arte de curar e da gestão da Saúde Pública. Essa foi uma iniciativa do poder federal no sentido de ampliar a Reforma Carlos Chagas (1920), mediante a centralização das atividades sanitárias em torno do Departamento Nacional de Saúde.

Com o advento do regime republicano houve uma intensificação na repressão dos praticantes da cura não legalizados, tais como curandeiros, feiticeiros, rezadores e parteiras. Isso ocorreu devido à institucionalização da repressão através do Código Penal de 1890. Esta foi uma das formas de chegar ao modelo de civilização europeu, que visava afastar o país de tudo o que fosse considerado um atraso, fruto da ignorância e superstição do povo, rumo ao ideal científico da época.

Com base nesse projeto civilizador, veremos que uma das prioridades do Serviço foi atuar na mudança dos hábitos da população no sentido de fazê-la adotar os preceitos higiênicos e abandonarem os terapeutas ilegais. Os jornais da época foram um dos meios utilizados para que fosse alcançado esse objetivo. No “Sergipe-Jornal” o Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural divulgou algumas práticas higiênicas relacionadas aos cuidados com o corpo, a habitação e a água.

Houve dificuldades na implantação do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural em Sergipe, principalmente, relacionadas a contratação dos funcionários (SANTANA, 2011). Um exemplo disso, foi a escolha do chefe deste órgão. O governador Graccho Cardoso havia nomeado seu irmão Eleyson Cardoso para assumir esse cargo, porém, o Departamento Nacional de Saúde Pública não acatou essa decisão e escolheu o médico sanitарista e discípulo de Oswaldo Cruz, Phócion Serpa. Serpa possuía 31 anos quando assumiu o cargo em 08 de abril de 1923.

Entre os anos de 1922 e 1926, período do governo de Maurício Graccho Cardoso, ocorreu a implantação do Instituto Parreiras Horta, órgão que deu suporte científico para as ações sanitárias e a criação do Hospital de Cirurgia organizado dentro das exigências da nova medicina, baseada na Teoria bacteriológica das doenças, com a assepsia, a disciplina e os laboratórios, contribuindo para a atualização dos profissionais. O chamado “sanitarismo campanhista” havia, então, chegado ao Estado sergipano. Porém, isso ocorreu com trinta anos de atraso em comparação ao Rio de Janeiro e a São Paulo (SANTANA, 2011).

Em Sergipe perceberemos uma organização mais efetiva entre médicos no sentido de promover campanhas contra o charlatanismo através da Sociedade de Medicina e Cirurgia, fundada em 1919.

Ocultismo e práticas de cura

Antes de ser preso, Dominguez havia anunciado seus serviços num periódico de Aracaju. Através dos anúncios exibidos no “Sergipe-Jornal”, entenderemos a maneira como ele gostaria de ser visto por seus futuros clientes.

Foram encontrados três anúncios dos dias 17, 18 e 19 do mês de abril de 1923 presentes no periódico mencionado. Neles há uma grande foto de José Maria, usando um broche em forma de cruz, que segundo o texto anunciado, foi recebido por seus méritos pela “Unione Theosophique Universal de S. Francisco da California”. Na legenda lê-se: “Está nesta capital o professor em ciencias ocultas, physics e naturaes JOSÉ MARIA DOMINGUEZ Y DOMINGUEZ” e logo abaixo “Dr. em medicina Electro-magnetica, titulado pela Universidade Escolar Internacional do Rio de Janeiro e aprovado pelo Instituto Americano de Ciencias Teosophicas”.

Quando comparamos este anúncio a outros feitos por médicos, encontramos algumas disparidades. Em primeiro lugar, o espaço ocupado é extenso, situado na página três do Sergipe-Jornal ao lado de propagandas de remédios milagrosos, como o “Elixir 914”, a “Emulsão de Scott”, a “Solução anti-asthimatica de Hartmann”. Em seguida, o uso de uma foto, enquanto os médicos sergipanos aparecem em anúncios pequenos, que expõem apenas o nome, a especialidade e o lugar em que tinham consultório, muitos se juntavam para fazer um único anúncio.

De volta à legenda, percebemos duas pistas sobre as ideias que orientam as práticas de Dominguez. A ligação ao ocultismo através do Instituto Americano de Ciências Teosóficas e a suposta formação em medicina eletromagnética pela Universidade Escolar Internacional do Rio de Janeiro. Esses dados são importantes, pois a partir delas seremos capazes de chegar até a teia de relações construída por ele, que influencia sua visão de mundo e, conseqüentemente, as ações executadas por ele. Nas palavras de Giovanni Levi (1992: 139) “um indivíduo tem um conjunto diferente de relacionamentos que determina suas reações à estrutura normativa e suas escolhas com respeito a ela”.

Até o momento não conseguimos encontrar informações sobre a existência do Instituto Americano de Ciências Teosóficas. Ele pode ter existido durante um curto

período e depois desaparecido. Através do contato com teósofos brasileiros, chegamos a informação de que ele pode ter participado de um grupo dissidente da Sociedade Teosófica (ST), que foi fundada por Helena Petrovna Blavatsky (30/07/1831 – 31/05/1875) e o coronel Henry Steel Olcott (02/08/1832 – 17/02/1907) em Nova Iorque no dia 17 de novembro 1875.

A formação em medicina eletromagnética pela “Universidade Escolar Internacional do Rio de Janeiro” é improvável. A instituição responsável pelo ensino de medicina no Rio de Janeiro possuiu diferentes nomes. Em 1808, era chamada de Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. Em 1813, era a Academia Médico-cirúrgica do Rio de Janeiro, que foi transformada em Faculdade de Medicina apenas no ano de 1832. A criação da Universidade do Rio de Janeiro ocorreu somente em 7 de setembro de 1920.⁴ Portanto, jamais se chamou “Universidade Escolar Internacional do Rio de Janeiro”. Assim, essa foi possivelmente uma forma usada por Dominguez para despistar as autoridades responsáveis pela fiscalização do exercício de curar. Deste modo, sabemos que ele estava ciente de que a formação nas faculdades de medicina era indispensável para exercer a profissão de médico no Brasil.

Nem sempre para ser considerado médico era necessário ser diplomado por faculdades de medicina. Durante o século XIX, havia aqueles que adquiriram um saber prático semelhante ao que era ensinado nas academias, principalmente, através dos manuais de medicina. Eles recebiam habilitações pelas Câmaras Municipais e, após a extinção destas, pelas Juntas de Higiene, eram os chamados licenciados (WITTER, 2001: 16-17). A instauração do regime republicano alterou essa norma, sem o diploma de uma faculdade reconhecida pelo Estado, não era possível exercer a medicina. Porém, na prática essa lei não era respeitada, pois os atores sociais sempre procuram brechas no sistema normativo para desempenhar o papel que desejam.

Observando a propaganda na íntegra, veremos outros detalhes.

⁴ Disponível em: http://www.medicina.ufrj.br/colchoes.php?id_colchao=1. Acesso em: 11/12/2012.

Unico no mundo que anunciou a guerra européa seis mezes antes de começar, isto é, no dia 21 de Fevereiro de 1914, na cidade de S. Thomé, província de Corientes, Republica Argentina, no período **EL RADICAL**.

Premiado com duas medalhas de ouro na Argentina e Chile; ultimamente condecorado com a Cruz de Ouro de grande merito pela **Unione Theosofique Universal** de S. Francisco da California. Percorreu Bombain, Himalaia, França, Italia, Inglaterra, Norte America, S. Francisco da California, Mexico, Nicaragua, Venezuela, Equador, Perú, Bolivia, Argentina, Montevideo e os vinte e um Estados do Brasil, etc., etc.

Perito em sciencias occultas, phisicas e naturaes; especialista em magnetismo e naturalismo; na theoria dos conhecimentos humanos; no **an sit e quidsit divinus**; na sciencia do Logos, Deus na philosophia antiga e nas theorias orientaes; no plano divino; na teoria Karmica; na escathologia teosófica; na morpholia pneumatológica e na psicologia esotérica; no Devakan; no Nirvana psvante; no tradicionalismo christão e no progresso desenvolvido no Universo; nas sciencias e segredos de Helena Petrovna, de Han Blavastshy; nas sciencias theosophicas e seu alcance social philosophico; na hypnologia transcendental; nos segredos da saúde, da riqueza, do amor e da prosperidade; em hypnotismo e transmissão do pensamento.

Conhece as vantagens do naturismo e os resultados da psychomancia pratica, bem assim possui o segredo amor, da riqueza, da paz e da prosperidade, pelo systema Caliostro ou Fakir da India.

Conta o presente, relata o passado e prediz o futuro.

Indica e aconselha grandes negócios, demandas, transações de quaisquer espécies, compras e vendas de muita expansão, etc.

E finalmente atalha quaisquer dificuldades e atrasos na vida, excitando e promovendo o bem, para evitar todos os males.

Desfaz influencias nocivas de inveja, ódio ou feitiçaria, bem como facilita consórcios, hypnotiza, magnetiza, etc.

Ainda que não tenhamos certeza da participação de José Maria na instituição referida no anúncio, o mesmo mostra sinais de que tinha conhecimento das ideias teosóficas e sua forma de proceder. A chave para compreendermos sua visão de mundo está nos ensinamentos teosóficos propagados por Helena Petrovna Blavatsky, que foi responsável pelo chamado Renascimento do ocultismo durante a segunda metade do século XIX e que foi citada por ele. O primeiro passo, então, é entender o que é a teosofia e quais são os seus objetivos para assim chegarmos às representações e práticas de cura desempenhadas por Dominguez.

A palavra teosofia vem do latim theos que significa “deus” e sophia quer dizer “sabedoria”. Portanto, trata-se de uma sabedoria divina. Os teósofos ligados a ST definem sua prática como Filosofia esotérica, Filosofia oculta ou Pensamento teosófico, assim, não a considera uma religião, com dogmas que, segundo os teósofos impedem o conhecimento da verdade. Por essa razão, o lema da ST é “Não há religião superior a verdade”.⁵

A Sociedade Teosófica segue os ensinamentos de Amônio Saccas e seu discípulo Plotino, fundador da Escola Neoplatônica de Alexandria. Saccas desejava reconciliar todas as religiões através de princípios filosóficos que seriam a base de todos os credos. Ele teve uma forte inspiração no Budismo e no Hinduísmo. Traços que vimos no texto de Dominguez, tais como a teoria Karmica, o Dekavan, o Nirvana e o sistema Fakir da Índia. A meta central dos teósofos é retornar a unidade primordial ou princípio uno do qual somos vistos como uma extensão.

Helena Blavastky integrava o grupo de místicos e espíritas progressistas, que estavam insatisfeitos com as teorias e explicações do Espiritismo. Ela foi responsável por definir os princípios e objetivos defendidos pela ST. Blavastky obteve seus conhecimentos após viajar para Índia e Tibete.

No artigo “Os fundamentos da Teosofia” publicado na revista *The Theosophist*, Jonh Algeo (1981) explica os princípios e objetivos da Sociedade Teosófica. O primeiro objetivo da ST é “Formar um núcleo da Fraternidade universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor”, que parte do princípio de que existe uma “realidade una absoluta”, cada pessoa é considerada um microcosmo, que reflete o macrocosmo e vice e versa, somos considerados parte desse Todo. Deste modo, tudo que fizermos de bom ou ruim se reflete nos outros.

Conforme vimos anteriormente, o diagnóstico que José Maria deu a Antônio Bastos, sobre um compromisso que este fez e depois não cumpriu, segue esse pensamento, já que todo o mal provocado a alguém se volta para aquele que o fez.

⁵ Ver site da Sociedade Teosófica no Brasil: <http://www.sociedadeteosofica.org.br/>.

Bastos não declarou em seu testemunho ter enganado uma mulher, mas ele era viúvo, assim, não tinham compromisso com ninguém. Contudo, independente disso, o importante é que sabemos que para Dominguez estar doente envolvia o lado espiritual ou psicológico de cada pessoa, porque uma que faz o mal aos outros não pode ter uma vida tranquila.

Um ponto importante a ser notado é que a medicina da segunda metade do século XIX e início dos novecentos, usava teorias do racismo científico, enquanto a teosofia vê a raça humana como igual ligada a essa realidade universal de infinitas possibilidades e livre do plano puramente físico.

O segundo objetivo busca “Encorajar o estudo de Religião Comparada, Filosofia e Ciência”, que é baseado no princípio de que o universo é eterno e ilimitado, regido pela lei da periodicidade, aplicada, por exemplo, nas teorias da reencarnação e do Karma. Deste modo, a realidade do universo é vista além do mundo físico. Portanto, ela somente será alcançada a partir de um estudo que abranja todas as áreas do conhecimento. A religião comparada procura os princípios básicos existentes em todas as religiões e está ligado ao lado espiritual. A filosofia atua na expansão da produção intelectual, na busca da sabedoria. Já a ciência se ocupa em entender a ordem na natureza física.

Por este prisma a concepção das doenças enquanto tendo uma origem espiritual, tal como acreditava Dominguez, quando prometia desfazer “influencias nocivas de inveja, ódio ou feitiçaria”, faz parte da maneira como os teósofos percebem a realidade, já que esta não se limita ao mundo físico.

O terceiro objetivo incita a “Investigar as leis não explicadas da Natureza e os poderes latentes no homem”. O não explicado está ligado

a fundamental identidade de todas as Almas com a Super-Alma Universal, esta última sendo um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória para cada Alma através do Ciclo de Encarnação ou Necessidade, de acordo com a Lei Kármica e Cíclica (BLAVATSKY apud ALGEO, 1981).

O ocultismo ajuda a entender e usar “os poderes latentes no homem”. Helena Blavatsky (2006) faz uma distinção entre o ocultismo e as ciências ou artes ocultas. O primeiro significa conhecimento secreto e está dividido em quatro tipos: o conhecimento dos poderes ocultos despertados na natureza; o conhecimento da feitiçaria praticada pelos cabalistas e através da adoração tântrica; o conhecimento dos poderes dos sons (Mantras); e o conhecimento da alma.

As artes ocultas se baseiam no conhecimento da essência última de todas as coisas nos reinos da natureza. Elas são a cartomancia, a astrologia, a alquimia, numerologia e a psicomancia. O ocultismo inclui todas essas artes, mas devem ser usadas para um bem maior e destituídas de qualquer motivação egoísta.

Dentre as artes ocultas vimos que Dominguez trabalhava com a psicomancia, também conhecida como necromancia ou nigromancia, que utiliza a invocação de espíritos para fazer adivinhações. Esta é uma prática divinatória muito antiga. Há registros na Bíblia, entre os gregos, romanos e persas. Os mais famosos necromantes da história do ocultismo foram a bruxa de Endor que aparece na Bíblia⁶, o filósofo grego Apolônio de Tiana, John Dee⁷, Edward Kelley⁸ e Eliphas Levi.⁹

⁶ Cf. livro 1, Samuel 28. Samuel procura a necromante de Endor para que esta entre em contato com o rei Saul que havia falecido.

⁷ Nasceu em 13 de julho de 1527 em Londres, Inglaterra. Foi geógrafo, astrólogo, matemático e astrônomo. Estudou alquimia e ciências herméticas, sem nunca ter participado de uma sociedade secreta, porém, influenciou muitas.

⁸ Nasceu em Worcester, Inglaterra, no dia 1 de Agosto de 1555. Os princípios da vida de Kelley frequentou uma universidade, Kelley foi educado e conhecia Latim e talvez até mesmo Grego. De acordo com várias descrições, Kelley foi ridicularizado em Lancaster por falsificação. Kelley auxiliou John Dee em suas experiências com o ocultismo. Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/personagens/dee.htm>. Acesso em: 14/11/2012.

⁹ Foi um importante ocultista do século XIX, nascido em 08/02/1810. Seu verdadeiro nome é Alphonse Louis Constant, mas resolveu adotar a tradução hebraica do seu nome. Ele foi abade, entretanto, interrompeu a carreira eclesiástica em 1836. Entrou em contato com o ocultismo no ano de 1839 através de um abade da cidade de Solesmes, que conservava uma biblioteca com textos gnósticos e de magia. Levi falece em 31/05/1875. Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/personagens/eliphas.htm>. Acesso em: 13/11/2012.

A prática da adivinhação; o conhecimento dos “segredos da saúde, da riqueza, do amor e da prosperidade”; aconselhamento de “grandes negócios” e o combate de “influências nocivas de inveja, ódio ou feitiçaria”, são realizadas com base na magia, ligando José Maria a figura dos feiticeiros, não se restringindo ao ato de curar doenças como no caso dos curandeiros. Embora estes se aproximassem dos primeiros por combaterem feitiços, considerados causadores de enfermidades. No Brasil, então, não houve uma divisão funcional entre curandeiros e feiticeiros, assim, essas duas figuras estavam interligadas (SOUZA, 1989).

A crença em feitiços enquanto causadores era bastante comum no Brasil dos anos oitocentos e ainda no início dos novecentos, e em Sergipe não era diferente. Em 1889, na cidade de Maruim, Balbino Leite foi preso acusado de estar usando “garrafas” que continham substâncias venenosas a pretexto de curar. Uma de suas clientes, que não pagou pelo serviço do curandeiro, chegou a procurar um sargento para denunciar que foi ameaçada por Balbino de fazer um “bataque de cemitério” para prejudicá-la, após o oficial conversar com ele, este desfez o suposto feitiço e ela melhorou. Nesse caso, percebemos que embora ele fosse visto como feiticeiro, o termo curandeiro era o mais adequado, por ele oferecer apenas o serviço de curar.¹⁰

Os feiticeiros e curandeiros brasileiros eram geralmente africanos, índios e mestiços (SOUZA, 1989). Os africanos e seus descendentes são os mais citados na historiografia ligada as artes de curar. O fato de ser branco deve ter contribuído para que José Maria assumisse a imagem de médico, da mesma forma que o uso de medicamentos e a aplicação de injeções, de acordo com os objetos que foram apreendidos em sua residência.

O médico sergipano Helvécio de Andrade, num ensaio para a Revista do IHGSE, publicado em 1920, intitulado “A medicina em Sergipe durante um século”, percebe a força que possuíam certas noções populares como “quebranto”, “das rezas com asperções de galhos de arruda”, porém, seu olhar de médico enxerga apenas atraso

¹⁰ AJES. MAR/C. 2º Of. Inquérito Policial, ex. 01/1014. 20/04/1889.

e superstição. De acordo com Andrade, a falta de médicos teria dado espaço para “o curandeiro, o benzedor, o feiticeiro, a cartomante, o espirita, o condonblé, a jetatura”, que estariam “a suplantar tudo, a esmagar tudo, como a avalanche de gelo, muitos anos acumulado e subitamente fundido ao calor do sol creador”. Embora, trate essas práticas como um mal a ser combatido, o autor deixa claro que elas fazem parte dos hábitos dos brasileiros há muito tempo.

O ato de magnetizar ou hipnotizar se trata de uma das atividades praticadas por Franz Anton Mesmer. Doutor em medicina pela Faculdade de Viena na Áustria e ocultista, Mesmer chega a Paris em 1778 afirmando ter encontrado um fluido ultrafino que cercava os corpos. As doenças, então, seriam resultado da interrupção do fluxo desse fluido e a cura seria alcançada através de uma crise em forma de convulsões, provocadas por magnetos estáveis (dedos e nariz) ou haste de ferro, ou ainda através de uma cuba com cordas e hastes de ferro (DARNTON, 1988).

O entusiasmo causado pela aplicação do eletromagnetismo na medicina não para no século XVIII, atravessa o século seguinte, chegando ao início dos anos noventa com grande força. Em São Paulo, durante o início do século XX, tratamentos usando aparelhos eletromagnéticos eram anunciados com frequência na imprensa, sendo bastante populares. Um deles era o “Farador”, nome dado em alusão ao físico inglês Michael Faraday, criador da indução eletromagnética, que prometia curar várias enfermidades. Através das correntes farádicas, galvânicas e diatérmicas, prometiam-se curar paralisias, nevralgias, angiomas ou afecções cutâneas e até mesmo impotência. Nessa “onda elétrica” o curandeiro Paschoal de Lucca, é preso por se passar por “professor” e “cientista-massagista”, aplicando “massagens elétricas” sem ter formação em medicina (BERTUCCI, 2003:197-227).

Considerações finais

A partir da relação de José Maria com os conhecimentos teosóficos divulgados por Helena Blavastsky, entendemos que a doença para ele poderia ter causas espirituais, crença também compartilhada entre alguns sergipanos. Além disso, o momento em que José Maria chegou à Sergipe revela que houve uma tentativa mais intensa de combater os curandeiros e demais terapeutas populares.

Depois de pagar a fiança José Maria Dominguez y Dominguez foi para Ilhéus (BA), deixando o seu advogado Adolpho Ávila Lima para representá-lo nas audiências, mas a procuração foi negada.

Em 23 de outubro de 1923, o juiz municipal da capital julgou Dominguez culpado de estar praticando o exercício ilegal da medicina com base no artigo 156 do Código Penal Brasileiro. Contudo, em 21 de novembro de 1923, o Juiz de Direito da 1ª vara criminal, Manoel dos Passos de Oliveira Teles discordou da decisão, argumentando que o réu foi impedido de se defender e as testemunhas eram todas membros dos órgãos fiscalizadores, portanto, teriam interesse em prender Dominguez, determinando que fossem devolvidos a fiança e os objetos apreendidos.

A promotoria recorreu da decisão. Por sua vez, o Egrégio Tribunal da Relação determinou que o direito de defesa de Dominguez fosse restaurado. Apenas em 28 de dezembro de 1928 o juiz de Direito da 3ª vara Criminal Olympio Mendonça manteve a decisão do Juiz Manoel Teles. Daí em diante José Maria estava livre de qualquer acusação.

Bibliografia

ALGEO, John. *Os fundamentos da teosofia*. The Teosophist, Maio, 1981. Disponível em: <http://www.sociedadeteosofica.org.br/>.

ANDRADE, Helvécio de. “A medicina em Sergipe”. Revista do Instituto e Histórico e geográfico de Sergipe (vol. 5, nº 9, 1920).

BLAVATSKY, H.P. *Ocultismo versus artes ocultas*. In: *Ocultismo prático*. Brasília: Editora Teosófica, 2006.

BURKE, Peter. Trad. Sérgio Góes de Paula. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BERTUCCI, Liane Maria. *Remédios, charlatanices... e curandeirices: práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo*. In CHALHOUB, Sidney et al (Org.). *Artes e Ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, pp. 197-227.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1998.

DAVIS, Natalie Z. *O retorno de *Matin Guerre**. Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DARNTON, Robert. *O lado oculto da Revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

EDLER, Flavio Coelho. *As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro 1854-1884*. São Paulo: USP, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História/Universidade de São Paulo, 1992.

GINZBURG, Carlo. “*Sinais: raízes de um paradigma indiciário*”. IN: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUIMARÃES, Maria R. C.: “*Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império*.” *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Vol. 12, n.2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

PIERANGELI, José Henrique. *Códigos penais do Brasil: evolução histórica*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004.

PIMENTA, T. S.: “*Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)*.” *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 2, pp. 349-72, 1998.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *Ciência nos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

_____. *A história do feitiçeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial*. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

SANTANA, Antônio Samarone de. *As febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios*. Aracaju, SE: O Autor, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo Companhia das Letras, 1993.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SILVA, Henrique Batista e. *História da Medicina em Sergipe*. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda., 2007.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC - Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880)*. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.